



*Admonet in somnis et turbida terret imago.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 3 DE JUNHO.

Chegámos a uma época de heroismo e de infâmia. Está d'uma parte um povo oppresso e generoso obrando prodígios de valor, espantando o mundo com a sua dedicação, morrendo abraçado com o seu Deos para salvar os seus penates, e da outra acha-se uma facção immoral e corrompida, grande pelas suas torpezas e crimes, mas tão minguada em forças, tão sáfara de talentos, tão estranha ao paiz em que habita que estende vergonhosa mão a esmolar do estrangeiro as varas com que nos quer açoutar o corpo, os allanges com que nos quer cortar as cabeças, e os braços que nos hão dedescarregar os golpes. E tal é a desgraça dos tempos que a virtude dos bons fica sem protecção e a corrupção dos ruins é excitada pelos agentes de tres grandes nações!

*Oh! que não sei de nojo como o conte!*

No dia 31 do passado sahia uma expedição do Porto sobre a capital. Achavam-se á entrada da barra vasos de guerra inglezes, francezes, e hespanhoes, que haviam presenciado o combate naval do dia 23 entre a esquadra da junta e a do ministerio, sem que tivessem intervindo nelle directa ou indirectamente a favor d'alguma das partes. Comtudo alguns agentes da Grã-Bretanha insinuavam á junta que não fizesse sahir a expedição porque *provavelmente* seria aprisionada. Parece que a junta mandou alguma pequena força como para se certificar das intenções dos alliados, e essa força passou sem a menor contradicção, e tornou a entrar a fim de sahir definitivamente toda a esquadra.

Quando esta navegava no alto mar appareceu a força naval ingleza, e intimou o conde das Antas como se vê dos officios que vamos dar em supplemento.

Daquella paragem navegaram apresadores e aprisionados para o Têjo, e ancoraram defronte de Cascaes. O ministerio reputava sua a presa, já os cabralistas esfregavam as mãos e se preparavam para insultar os populares. Este engano d'alma ledo e cêgo durou pouco. Na tarde do dia de hontem a bandeira ingleza tremolava na Torre de S. Julião da Barra, que foi occupada por uma guarnição da esquadra britannica, e os soldados portuguezes diz-se que des-

embarcaram prisioneiros para aquella fortaleza que já hoje não lhe podemos chamar nossa!

Assim estamos desterrados na nossa propria terra, e só nos cumpre entoar o — *de profundis* — na campa das liberdades publicas e da independencia nacional.

Oh! mil vezes venturosos aquelles a quem coube o morrer nos muros de Torres Vedras, nos campos de Val-Passos, em Vianna, em Setubal, em mil recontros todos gloriosos. Vencedores ou vencidos a patria não morria comnosco, ou pelo menos morriamos nós com ella, e não presenciavamos esta vergonha. O *Espectro* que chorou esses mortos tem hoje inveja da sua sorte.

Ahi fica a exposição franca dos factos. Agora convém moralisa-los.

O ministerio inglez declarou em parlamento que este negocio era unia desavença interna, e não disputa sobre successão, á qual se applicasse o tractado da quadrupla alliança. Entabou negociações que ainda não estão terminadas. Os medianeiros declararam que não iam impôr condições, mas propôr arranjos.

Assim todas as disposições eram amigaveis. A imprensa da Europa, o parlamento britannico, tudo havia stygmatisado o despotismo da cõrte, e exaltado a nossa resolução. Os agentes de Inglaterra pedindo-nos um armisticio reconheciam em nós a faculdade de o recusar.

Todos conheciam a malquerença do coronel Wilde, as suas maneiras insolentes e grosseiras. O povo, cujo sentimento quasi sempre é recto ainda que tambem quasi sempre erra sobre as causas que determinam as acções humanas, attribuiu as ameaças daquelle agente á sua estada no paço, o que lhe tirava todo o caracter de juiz imparcial. Via-se empregado um systema de doblez e intimidacção — rogos com ameaças, insinuações sem caracter de ordem, e deprehendia-se claramente disto que estes agentes queriam conseguir necessariamente os seus fins sem o emprego da força material; queriam-nos fazer seus escravos mas queriam ao mesmo tempo mostrar que nós é que renunciavamos á nossa liberdade ou que nos julgavamos livres; queriam-nos impôr o seu pesado jugo sem incorrer no odio que tal acção comsigo trazia.

Aqui havia dous meios adoptaveis da parte

da junta, ou arrostar e afrontar o perigo que affrontou ainda com a probabilidade de morrer nelle, ou ficar no Porto e evita-lo, seguindo outro plano de operações. Obedecer ao estrangeiro em caso nenhum.

A nossa opinião é que o meio intentado foi o melhor. Ainda com a probabilidade de ficar prisioneiro o *Espectro* prefere isso a outro qualquer expediente.

A junta estava n'uma falsa posição com os alliados. O partido popular sabe que não pôde triunfar da cõrte á força d'armas quando esta tiver a seu favor o auxilio de tres nações. A nossa maioria era contada sobre tres milhões e meio de cidadãos portuguezes, e não sobre a população reunida de tres grandes potencias. Esperar que os hespanhoes entrassem, ferir cem batalhas ainda com a incerteza da sorte da peleja era derramar sangue inutil se a Inglaterra e a França nos hostilisassem por mar. Assim o partido mais rasoavel, o mais nobre, o mais ousado era obrigar a Inglaterra a uma demonstração hostile mas clara, porque ficamos vencidos sem perder força, fizemos desacreditar a causa dos alliados, forçamo-los a uma grande villania, e engrandecemos nos aos olhos da Europa, ficando com toda a força para fazer outro genero de guerra. A nossa marinha tinha feito fugir a do ministerio—era o inimigo com que contavamos: ficamos prisioneiros da Inglaterra, França e Hespanha. Não importa.

Estas nações fizeram-nos uma grande injuria. Havemos de assoalha-la. Essas nações tractavam comnosco, estavamos em paz com ellas, assistiam ás nossas contendias, e não tomavam parte nellas. Assaltar-nos em alto mar, fazer-nos prisioneiros não foi sequer dar-nos uma batalha foi commetter um acto de pirataria. Aonde está a declaração de guerra? Pois tres nações civilisadas começam as hostilidades antes de declararem a guerra? As emprezas e tomadias feitas antes disso foram sempre consideradas como acto de pirataria.

A lealdade britannica soffreu grande quebra neste procedimento. Era nos licito confiar nas suas declarações parlamentares, era-nos licito deduzir das aberturas officiaes havidas comnosco que eram os livres nos nossos movimentos. As nações ingleza e franceza julgam se liberaes e monarchicas; e comtudo decapitaram já os seus reis! Quem diria que taes nações haviam de obstar a que os outros povos derribassem os seus máus governos, e tão máus que até essas nações assim o proclamam? Porque não poderemos nós pedir com as armas na mão que mude o ministerio a uma rainha muito mais culpada que aquelles reis a quem elles pediram a cabeça? O homem que levar a sua desconfiança a ponto de não crer na moralidade dos governos, não pôde dar um passo em politica. O que aconteceu não se cria se não se visse; e o

que os alliados queriam era conseguir os seus fins sem empregar aquelles meios.

Quando chegou a Lisboa esta noticia sir Seymour estonteou. Era um caso para o qual S. ex.<sup>a</sup> não estava preparado. Julgára que as ameaças eram sufficientes para atterrar a junta; mas os populares não são gente para isso. Tem havido conselhos, reuniões, e não sei se os faticos protocolos. Os ministros andam n'uma roda viva. O embaixador inglez, que quiz pôr um pé no pescoço da revolução, tem agora outro sobre o estomago da rainha, e carregando com todo o seu peso brutal diz-lhe *ou conceder já tudo quanto a Inglaterra quer, ou solto o leão que está encerrado na Torre guardado pelo Leopardo.*

Os cabralistas que julgavam ter chamado auxiliares encontram dominadores, e á excepção d'algum bandoleiro sem honra nem vergonha, todos os outros se pejam d'um dominio tão grosseiro.

No meio disto quem teve um pensamento altamente desleal foi o almirante Parker, esse homem que tanta consideração nos merecera, e que nós julgáramos sempre animado da maior imparcialidade. Esse almirante escreveu ao visconde de Sá a seguinte carta:

«Bordo da náó de S. M. B. *Hybernia* — em Lisboa — 1 de Junho de 1847. — Meu caro visconde, neste momento acabo de receber pelo paquete do Porto, um officio de Sir Thomaz Maitland, capitão de fragata *America*, que com mandanda a esquadra ingleza na Foz do Douro, informando-me que hontem toda a força naval dos insurgentes, constando de 1 corveta, de 2 peças, 3 vapores de guerra, com perto de 3:000 homens a bordo; 1 barca, um brigue, 2 escunas, contendo tudo segundo me informam perto de 4:000 homens de tropa incluindo a guarnição dos navios, e conduzindo a seu bordo o conde das Antas, se rendeu á esquadra ingleza, e navega neste momento para o Têjo.

Estão em poder dos inglezes, e não preciso assegurar-vos que não só as suas vidas serão garantidas, como tambem não serão entregues ao governo portuguez, nem obrigados a desembarcar em Portugal contra sua vontade; lisonjeio me porém de que receberão o melhor tractamento.

Devo rogar-vos, meu caro visconde para que cesseis as hostilidades, seguindo o exemplo dos vossos companheiros d'armas.

Logo que receba a noticia da vossa adherencia, mandarei os nossos vapores para vos receber, e aos vossos camaradas, e desde já offereço, como offerecerei ao conde das Antas apenas chegue, um asylo na minha camara, a bordo da *Hybernia*.

Não tenno tempo para mais, mas espero que Portugal obterá um futuro mais prospero, por meio de pacificação geral.

O tenente Vanssitar portador d'esta leva o officio, que me dirigiu Sir Thomaz Maitland, mas lisonjeio-me que não será necessaria essa

prova para vos certificar, que nenhuma consideração poderia levar-me a illudir-vos, ou a quem quer que fosse; e fico sendo como sempre, vosso amigo pessoal e sincero — *W. Parker*, vice-almirante. — Para S. ex.<sup>a</sup>, V. de Sá da Bandeira. »

A deslealdade com que esta carta parece escripta é manifesta. *Cessar as hostilidades seguindo os vossos companheiros d'armas!* Quaes foram os companheiros d'armas do nobre visconde que cessaram as hostilidades? O conde das Antas ficou prisioneiro das forças navaes das tres nações, não suspendeu hostilidades, nem concedeu armistício!

E suspender hostilidades para ir buscar asylo a bordo da náu *Hybernia*? Isso não é suspender hostilidades, é render-se á discrição. Nunca pensámos que um cavalheiro como sir *W. Parker* fizesse uma offerta tão affrontosa sob mostrança de amizade. Sir *W. Parker* fazia gosto de ser o carcereiro dos generaes do povo, e queria de certo conduzir a Santa Helena os illustres prisioneiros, alardeando uma victoria ganha por uma traição.

O visconde de Sá não carece do funesto presente. Quando aquella espada se quizer render, ha de haver muito quem lhe dê asylo sem o enganar. Não se lembram que ainda ha dias lhe supplicavam que concedesse um armistício? Pensará sir *W. Parker* que o aprisionamento de perto de tres mil homens faz trepidar o povo portuguez? Se nos calculos da ambição d'algum marinheiro inglez entra em linha de conta o valor da presa. no patriotismo portuguez ha ainda grandes sommas de sobrecellente para reparar essa perda. Valem immenso esses homens, mas os que nos ficaram ainda valem muito mais que todos os nossos inimigos juntos. O visconde de Sá respondeu da seguinte fórma:

« Setubal 2 de Junho de 1847 — 2 horas da manhã. — Sr. almirante. Acabo de receber a vossa carta datada de hontem, em que me dizeis que toda a esquadra portugueza ao serviço da causa nacional, tendo a seu bordo quatro mil homens sob o commando do sr. conde das Antas, fôra feita prisioneira hontem, sahindo do Douro, pela esquadra ingleza, e deve ser conduzida ao Téjo.

Pede-me V. ex.<sup>a</sup> que cesse as hostilidades, e que siga o exemplo dos meus camaradas. Em resposta digo que me hei de defender se me atacarem; mas tambem á vista do *novo e poderoso inimigo* que se apresenta contra a causa do povo portuguez, cessarei as hostilidades da minha parte até receber as instrucções da junta suprema do reino.

Para este fim peço-vos que mandeis ao Porto por um dos vossos barcos de vapôr o official do meu estado maior portador de meus officios para a junta. Tenho a honra de ser, sr. almirante, &c. — *Visconde de Sá da Bandeira*. — A S. ex.<sup>a</sup> sir *W. Parker*. »

Assim é que se responde a essa offerta offensiva, e traiçoeira. Bombee, se quer, Setubal; mas não espere o almirante que o visconde de Sá lhe peça

que de Lisboa vão os vapôres inglezes salva-lo. Ha alli muita terra para uma sepultura; e fica mal a um soldado como sir *W. Parker* o querer colher louros em Setubal estando no Téjo, e por uma carta.

Eis-ahi o estado miseravel deste paiz. Temos o povo todo sublevado a nosso favor, afugentamos para o reino visinho os nossos inimigos, não ha cidade, villa ou aldêa aonde não se tenha hasteado o nosso pendão. O triunfo moral e material é nosso. Venham hespanhoes, inglezes, francezes, venham todos. — Que hão de fazer?

Quereis sabe-lo? A guerra será outra, mas mais cruel. Não terá chefes, e por isso será mais sangüinolenta. Os exercitos alliados ou hão de estar ahi sempre, ou hão de sahir. Se estiverem sempre, o reino morreu; se sahirem, a montaria aos cabraes será maior do que a que se faz aos lobos. E os alliados não hão de vir cá duas vezes cada anno.

Esta guerra não é de partido é da nação. Os cabralistas são meia duzia de ladrões, qualificados como taes pelo imperador e pelos tribunaes, pela imprensa e pelos gabinetes estrangeiros. Nem todas as potencias da terra podem fazer que esses homens sejam poder, e que o povo os acceite. Roubaram tudo e o povo não ha de carecer de armas para os escarmentar. O governo de Lisboa não lhe deu as que elle tem; e esse sangue que hoje hypocritamente se quer poupar ha de correr com mais força.

Lamentamos essas desgraças, mas estamos-las vendo. Já em tempo prognosticámos as que agora acontecem, já dissemos que as delapidações dos cabraes levavam o reino a uma revolução. Respondiam-nos que eramos revolucionarios; como se quem profetisou a destruição de Jerusalem fosse quem a havia de arrasar, como se a providencia fosse a origem dos crimes nas sociedades.

Nunca ninguem se elevou a maior altura do que o partido popular hoje. Oh! se não fosse a escravidão da patria podiamos dizer, como o velho Simeão, que morriamos contentes.

E quem sabe, talvez ainda o morramos. Pelo menos não inorreremos sem vingança, mas vingança nobre e sublime, que fará perpetua a nossa memoria.

Hespanha arde sobre um volcão; Inglaterra treme della — isto é — teme perder alli a sua influencia, e a politica irritante de sir Seymour pôde produzir resultados bem fataes para o seu governo. Se o partido nacional na Hespanha conhecer um dia os seus interesses, se respeitar a nacionalidade alheia, e procurar sómente cimentar a sua, a Grã-Bretanha se arrependera do passo que tem dado cprimindo o unico partido que pôde felicitar este paiz, e cooperando com uma facção que deshonra todo aquelle que se liga com ella.

A Inglaterra teme isto mesmo no meio dos calculos cegos da sua ambição. O *Times* que até aqui opinava contra a intervenção decidiu-

se por ella, mas ao mesmo tempo receia a entrada dos hespanhoes.

Pois ainda agora imprevidentes? Não vêdes que a oppressão mútua pôde unir esses dous povos, que, se supportam uma influencia benefica podem unidos repellir a malefica? Não vêdes que é perigosissima essa intervenção para vós mesmos pelos precedentes que estabelece?

Se a Russia caír sobre a Turquia que haveis de allegar em vosso favor? A força? não; que não a tendes porque vistes dividir a Polonia e a Cracovia contra vossa vontade. Se Luiz Philippe mandar um filho á Hespanha com uns poucos de mil francezes como Luiz 18.<sup>o</sup> mandou o duque de Angouleme que principio haveis de invocar a vosso favor? Os tractados não; que os tendes violado, e violaes impunemente; e a força só a tendes contra os fracos.

Se todos esses estados pequenos forem absorvidos pelos grandes, que fareis vós? Para não accudirdes á infeliz Polonia, para não dardes ajuda ao infeliz Carlos X com medo da França democratica criastes um direito novo, o da não intervenção; e para nos opprimirdes rejeitae esse mesmo direito!

Metralhastes-nos nas aguas da Terceira quando corriamos a merrer por D. Maria, e sustentaveis assim D. Miguel; metralhais-nos hoje porque queremos destruir o governo absoluto dessa mesma senhora a quem alevantámos sobre as nossas armas. Quando marchamos na estrada da liberdade sempre vos encontramos do lado dos despotas, e hoje desceis ao vil mister de nossos carcereiros!

Não nos queixamos da nação ingleza, queixamo-nos dos seus agentes. Ea nossa queixa hade ser ouvida.

Povo, cada vez tem sido para nós um triumpho. Este é o mesmo. Em 1815 as potencias alliadas foram introduzir em Pariz um rei, dahi a 15 annos o successor desse rei passou pela Inglaterra, e sabeis o que estava escripto em pasquins nas ruas de Portsmouth? Era isto: — *Qual é o verdadeiro sentimento dos inglezes para com o individuo desafortunado que violou as leis que jurára manter? — Horror e desprezo.* Pois esse rei nem sequer achou nos filhos de Jacobitas a generosa e magnifica hospitalidade que Jacques II achara em S. Germain. Em Holyrood em logar d'um principe que o esperasse achou um carcereiro, e em logar da munificencia de Luiz XIV offerecida ao ultimo dos Stuarts achou Carlos X ordens de prisão contra os fugitivos. Nem um soldado, nem uma sentinella apresentou as armas ao velho que tinha sido rei!

Assim é que as cousas do mundo variam. Em Portugal ninguem venceu. Os cabralistas estão fóra do combate, e hoje quem prepondera é só a Inglaterra — A differença é que nós salvamos a honra repellindo os estrangeiros, e os nossos inimigos chamaram-nos para os algemarem a elles e a nós.

Temos todos os elementos de força, e havemos de vencer mais tarde ou mais cedo. Coragem sempre, e ás armas. Que nem um só estrangeiro viva em paz entre nós com animo hostil.

Tivemos cartas do Porto de 29 do passado, e folhas até 28. — Aquellas dão-nos a noticia do embarque de 2:400 homens de tropa de todas as armas, um esquadrão de cavallaria de 20 e tantas praças,

com duas peças de campanha sob o commando do conde das Antas. Estas commemoram o levantamento de todo o paiz. Eis-aqui alguns breves extractos:

No dia 23 sahiram da barra os vapores *Mindello, Salter e Porto* para combater a esquadra cabralista. Esta depois de se retirar um pouco collocou-se em linha de batalha.

Os navios de guerra estrangeiros conservam-se tranquillos fóra da barra, e a nossa esquadra marchava com gallardia sobre o inimigo. Rompeu o fogo. A cidade do Porto pela primeira vez presenciou o espectáculo d'um combate naval. Os nossos vapores obraram gentilezas de valor, e depois de duas horas de fogo a esquadra inimiga com o favor do vento retirava para o Sul. O bloqueio estava levantado, e os vapores da junta tomavam as posições em frente da barra que a esquadra inimiga fóra obrigada a largar-lhes.

A deserção da força do Saldanha para o Porto era muito grande.

No Nacional se lê o seguinte:

«Agora mesmo (5 horas da tarde do dia 29) receberam-se officios dos commandantes das forças populares do districto de Coimbra, em que participam que se acha o districto todo levantado em massa a favor da causa nacional: o mesmo dos districtos de Vizeu e Leiria.

«Já dissemos que todo o districto da Guarda, todo o de Castello Branco, e a maior parte do de Vizeu, e da provincia da Extremadura se tinham levantado em massa. Agora fez o mesmo o districto de Coimbra. Do de Vizeu tambem hoje publicamos a respectiva parte official.

«Extractamos d'um officio do sr. Francisco Henriques de Souza Secco, datado de Goes em 24 de Maio, o seguinte:

«Que se achava feito o pronunciamento nacional em Coimbra, tendo-se verificado no dia 23 do corrente. Que em Goes estavam acima de 600 homens correndo o povo de toda a parte a engrossar as fileiras nacionaes.

Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr.—Tenho a honra de participar a V. ex.<sup>a</sup>, a fim de ser presenté á exm.<sup>a</sup> junta provisoria do governo supremo do reino, que tendo verificado hoje, 23 do corrente Maio, o pronunciamento dos povos d'entre o Mondego e Dão, contra o despotismo da infame camarilha da córte, atraz das difficuldades oppostas por nossos amigos, e por alguns que sendo amigos ainda procuram desviar de si e suas familias, as perseguições, roubos, incendios, e mortes a que ficámos expostos por havermos preferido o interesse publico aos commodos particulares, se acham já reunidos a mim nesta villa de Mangualde d'Azurara pelas 6 horas da tarde, quinhentos homens armados, e mais de outros tantos sem armas. Agora mesmo chega a noticia de haverem saído algumas forças de Vizeu sobre este ponto, e por isso vou tratar de dispor os meus voluntarios para os receber como merecem, e do resultado darei parte a V. ex.<sup>a</sup> por outro portador.

Se eu me puder conservar, como espero, por tres dias nesta posição, talvez que dobre ou tresdobre o meu pequeno exercito, contando com a reunião de muita gente da margem esquerda do Mondego e direita do Dão.—Deos guarde a V. ex.<sup>a</sup>—Quartel general em Mangualde 23 de Maio de 1847.—Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila.—*Monsalvador Cardoso de Faria Pinto*, brigadeiro graduado.»